

Boletim
CENÁRIOS
ECONÔMICOS

Abril 2026



Inflação IPCA/INPC

IPCA
mensal

+0,88%

Mar/26

Acumulado em
12 meses

+4,14%

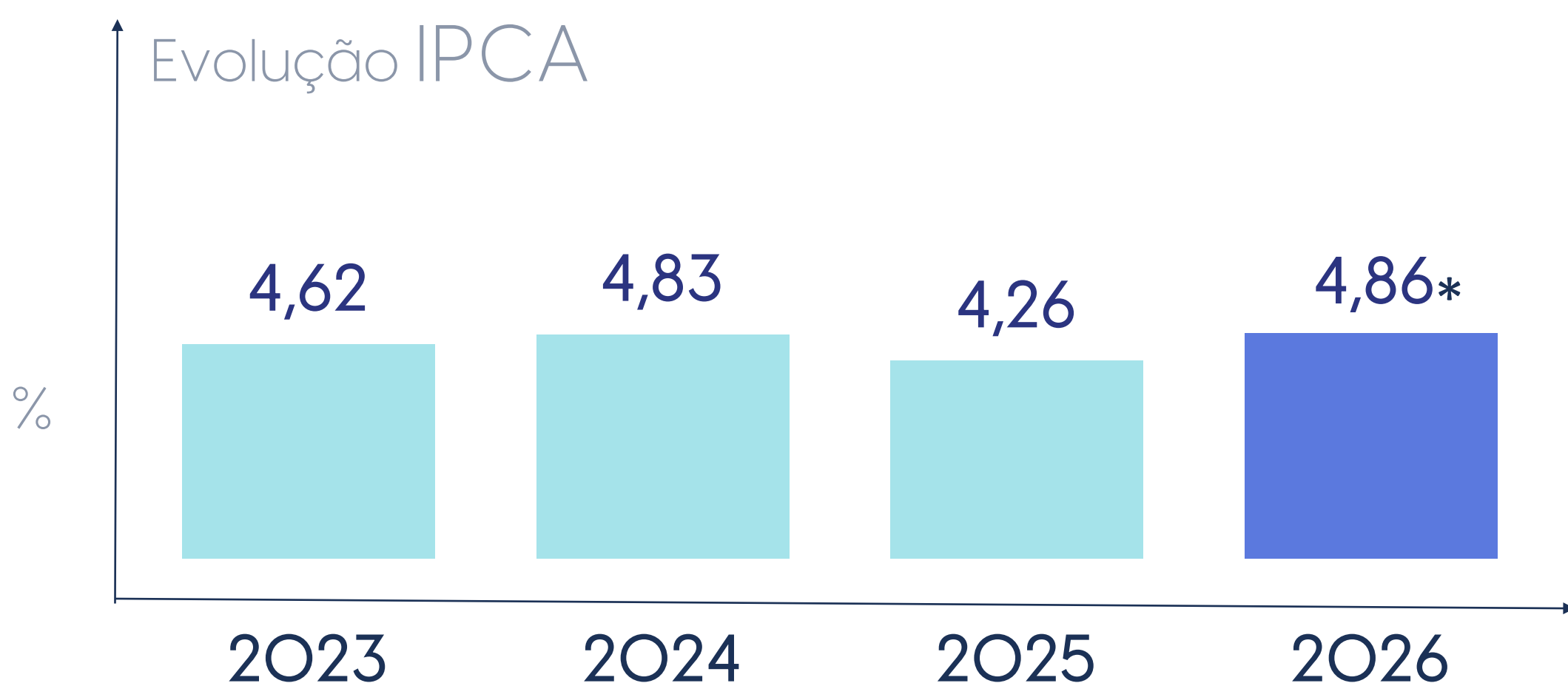
INPC
mensal

+0,91%

Mar/26

Acumulado em
12 meses

+3,77%



* O valor referente a 2026 é a mediana das expectativas do IPCA fornecida pelas instituições que participam da pesquisa do Banco Central do Brasil (em 24/04/2026).

Fonte: IBGE/Bacen, elaborado pela Previ



MAIOR PESO

na renda das famílias

IPCA 2026 ◀



21,31%

Alimentação
e bebidas

variação de +1,56%

MAIOR VARIACÃO

Dos 9 grupos do IPCA

IPCA 2026 ◀



+1,64%

Transportes

peso de 20,45%

IPCA

Variação dos itens



Cenoura

+28,1%



Abobrinha

+23,6%



Tomate

+20,3%

Abacate

-13,2%



Laranja-Baia

-8,2%



Maçã

-5,8%



Cenário Interno

Inflação - IPCA

O IPCA de março avançou 0,88%, alta de 0,18 p.p. em relação a fevereiro, superando a expectativa do mercado, de 0,77%. No acumulado em 12 meses, a inflação acelerou para 4,14%, ante 3,81%, permanecendo acima do centro da meta. A difusão dos preços também aumentou, passando de 61% para 67%, o maior patamar desde abril de 2025.

A principal contribuição para o índice veio do grupo Transportes, com alta de 1,64% e impacto de 0,34 p.p na inflação do mês. O resultado refletiu o aumento dos combustíveis (4,47%), associado à alta do petróleo internacional, após o agravamento dos conflitos no Oriente Médio. Passagens aéreas subiram 6,08%, ainda que em desaceleração, e o transporte urbano também avançou, pressionando os custos e intensificando os repasses de preços.

O grupo Alimentação e Bebidas apresentou forte aceleração, passando de 0,26% em fevereiro para 1,56% em março. A alta concentrou-se na alimentação no domicílio, que avançou 1,94%, impulsionada por aumentos disseminados em itens essenciais como tomate, cebola, batata, leite e carnes. Apesar de quedas pontuais em alguns produtos, o movimento foi amplamente altista, com elevada difusão.

Entre os demais grupos, Despesas Pessoais avançaram 0,65%, enquanto Saúde e Cuidados Pessoais, cresceram 0,42%, com altas em planos de saúde. Habitação teve variação moderada (0,22%), e os serviços cresceram 0,53%, sustentados por um mercado de trabalho apertado. O resultado de março foi qualitativamente negativo, com pressões concentradas em combustíveis e alimentos (0,43 p.p.), elevando as incertezas prospectivas e reforçando a necessidade de cautela na política monetária.



Cenário Interno

Câmbio

O real brasileiro tem demonstrado resiliência diante do choque geopolítico associado ao conflito no Oriente Médio. Após um movimento inicial de depreciação no início de março, a moeda passou a apresentar trajetória de valorização ao longo de abril, retornando para níveis próximos do piso de (R\$/US\$) 4,95 (em 23/04/26), mesmo em um ambiente global marcado por maior aversão ao risco.

Parte desse fortalecimento recente se explica pela combinação entre termos de troca favoráveis, impulsionados pela valorização das *commodities*, e um elevado diferencial de juros, que continua atraindo capital externo e sustentando o posicionamento relativo do Brasil entre os mercados emergentes. A forte exposição da balança comercial ao ciclo das *commodities* tem garantido superávits robustos, oferecendo suporte adicional à moeda.

Ainda assim, esses vetores têm natureza essencialmente cíclica. Não se espera a manutenção indefinida de uma taxa de juros real elevada nem de preços do petróleo persistentemente altos. Além disso, a trajetória do câmbio segue sensível a fatores políticos, como as eleições no Brasil e nos Estados Unidos, e à evolução do quadro fiscal doméstico.

A política fiscal, por sua característica estrutural, assume papel central, especialmente para a definição do câmbio em prazos mais longos. Parte da apreciação pré-eleitoral pode refletir mais um ajuste de expectativas do que uma mudança sustentada por fundamentos, abrindo espaço para correções à medida que o cenário político e fiscal se torne mais definido.

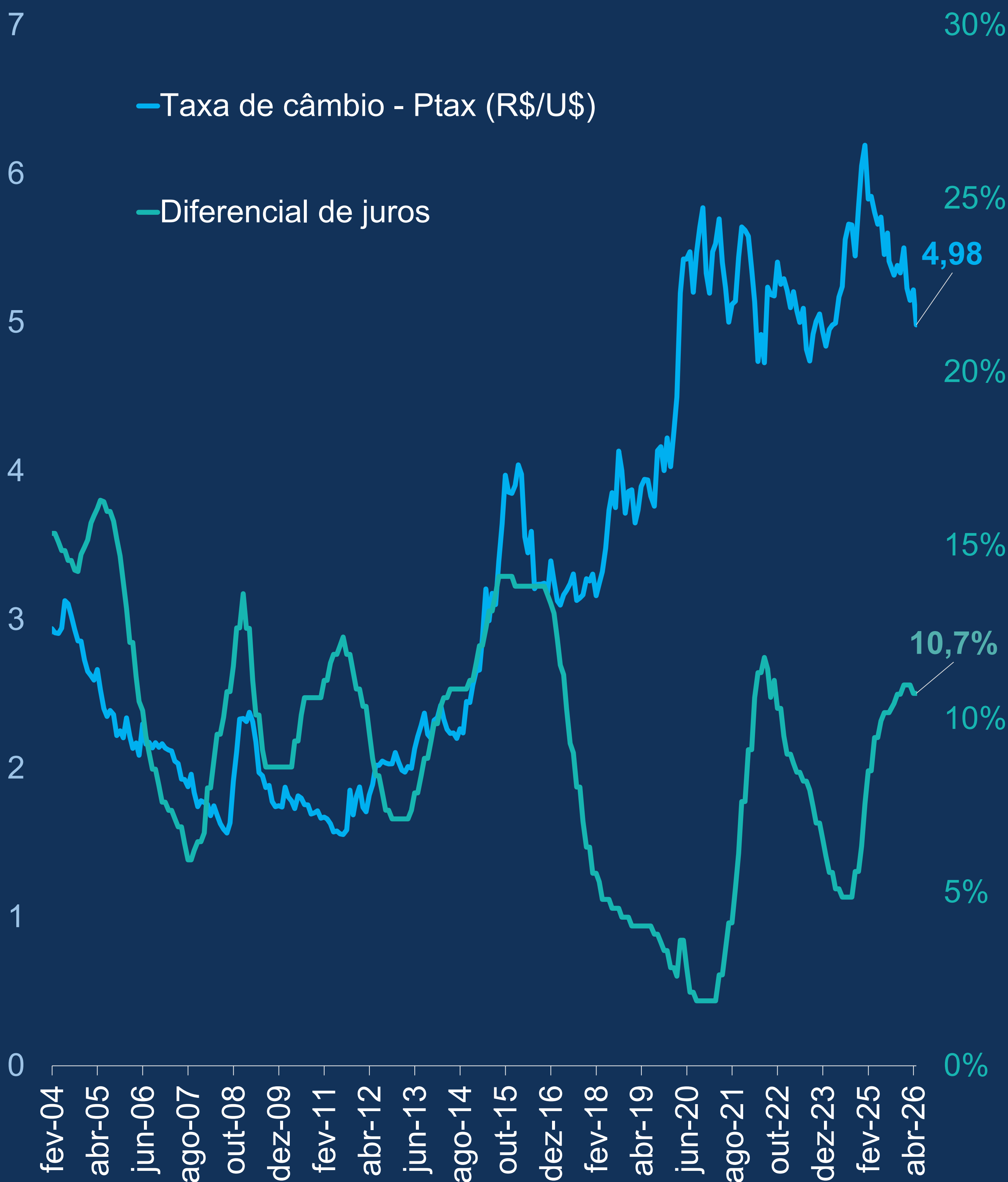
Diante desse cenário, o câmbio deve continuar reagindo de perto aos desdobramentos externos, ainda que, no curto prazo, a expectativa seja de manutenção em níveis mais apreciados.



Cenário Interno

Câmbio

Diferencial de juros - % (Selic - Fedfunds)



Cenário Interno

Brasil – Balanço de Pagamentos

As transações correntes registraram déficit de US\$ 6 bilhões em março de 2026, superior ao observado no mesmo mês de 2025 (US\$ 2,9 bilhões). A piora interanual decorreu principalmente da redução do superávit da balança comercial e do aumento nos déficits nas contas de serviços e de renda primária. No acumulado em 12 meses, o déficit somou US\$ 64,3 bilhões, o equivalente a 2,71% do PIB, interrompendo uma sequência de três meses de redução nessa base de comparação.

A balança comercial foi um dos destaques do período, com superávit de US\$ 5,6 bilhões, representando uma redução de US\$ 1,6 bilhão em relação a março de 2025. As exportações cresceram 9,5% na comparação interanual, enquanto as importações avançaram em 19,9%, reforçando o papel do comércio exterior como vetor de ajuste das transações correntes.

A conta de serviços manteve o sinal negativo. Em março o déficit foi de US\$ 4,8 bilhões, refletindo, principalmente, o maior gasto em viagens internacionais, possivelmente associado ao câmbio mais apreciado. O déficit em renda primária somou US\$ 7,4 bilhões em março 2026, resultado da maior remessa de lucros e dividendos e do aumento no pagamento de juros.

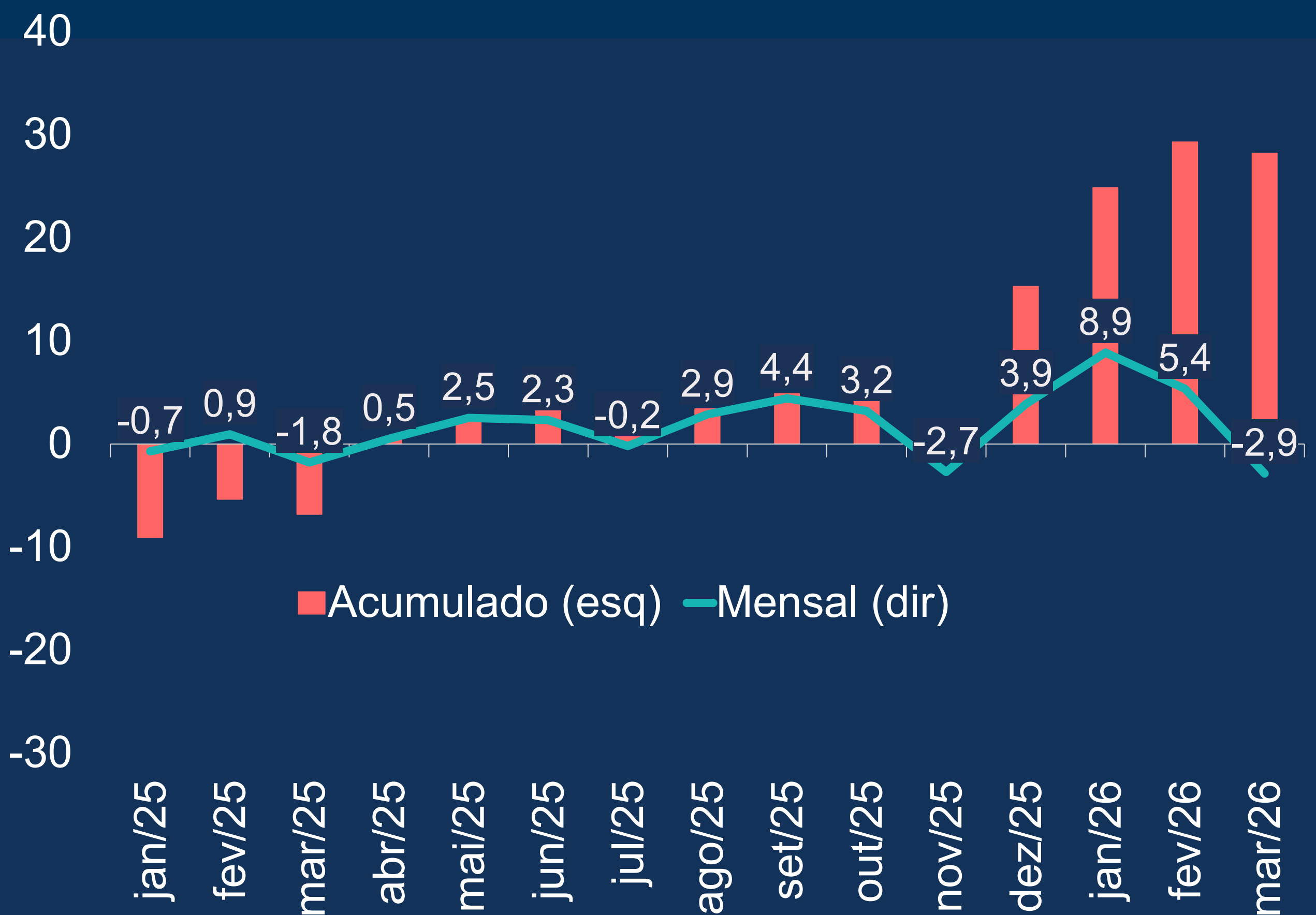
Na conta financeira, os investimentos diretos no país alcançaram US\$ 6 bilhões em março, totalizando US\$ 75,7 bilhões no acumulado em 12 meses, volume suficiente para financiar o déficit em transações correntes com alguma margem. Os investimentos em carteira (ações, títulos de renda fixa e fundos de investimentos) que vinham apresentando forte ingresso no início do ano, registraram saldo negativo de US\$ 3 bilhões em março, possivelmente em resposta aos impactos do conflito no Oriente Médio. Por fim, as reservas internacionais recuaram para US\$ 362 bilhões, embora ainda se mantenham em patamar elevado.



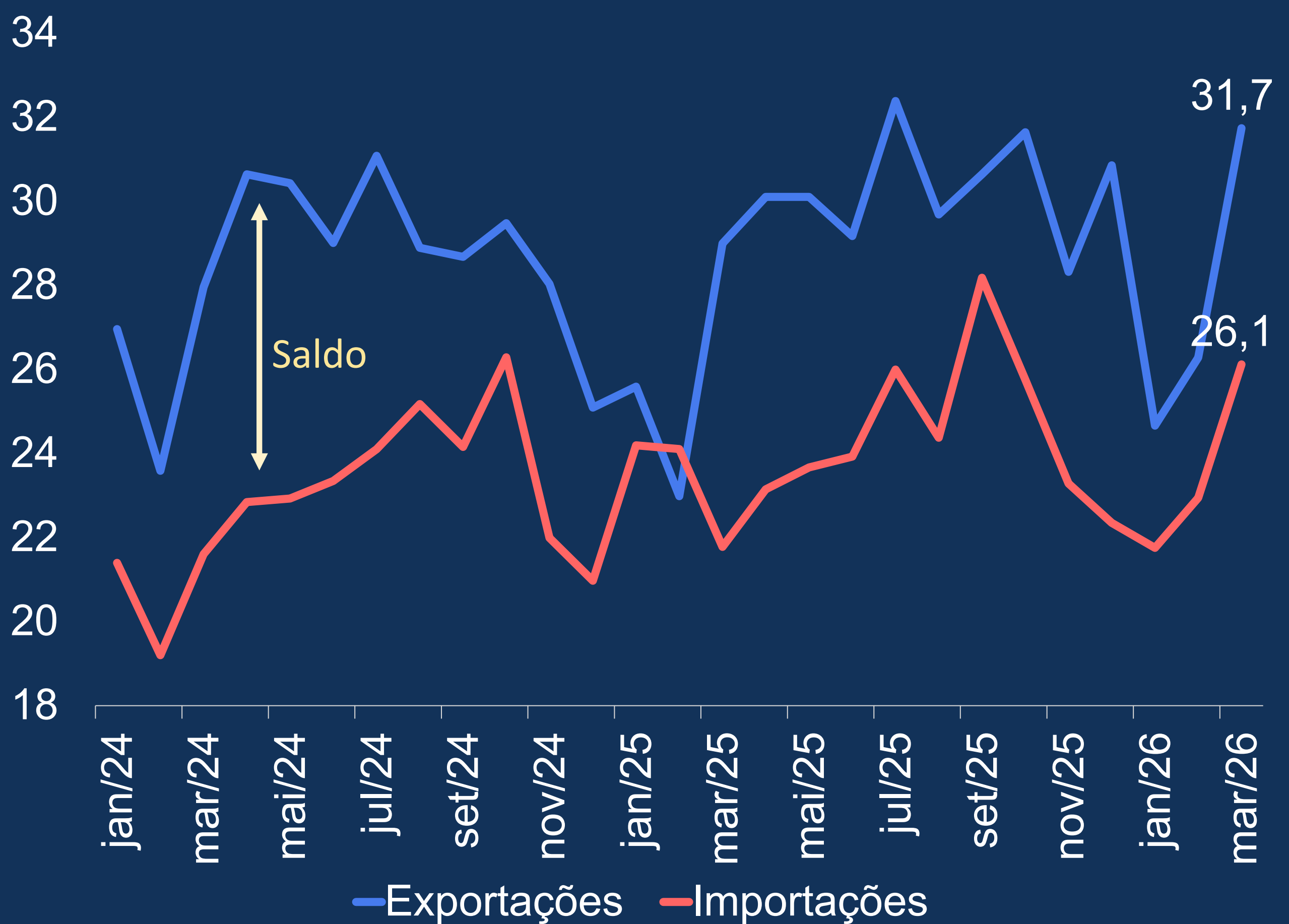
Cenário Interno

Brasil – Balanço de Pagamentos

Investimentos em carteira no mercado doméstico - ingresso líquido - (US\$ bilhões)



Balança comercial - (US\$ bilhões)



Cenário Interno

Brasil – Atividade Econômica

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), indicador considerado uma prévia do Produto Interno Bruto (PIB), registrou alta de 0,60% em fevereiro na comparação mensal, superando as expectativas do mercado (0,47%). O resultado indica avanço marginal da atividade no início do ano e sugere alguma resiliência da economia, apesar do ambiente de política monetária restritiva e condições financeiras apertadas.

O IBC-Br ex-agropecuária cresceu 0,61%, desacelerando em relação a janeiro, enquanto a agropecuária avançou 0,23%, após queda expressiva no mês anterior. A indústria se destacou, com alta de 1,18%, revertendo o início mais fraco do ano. Os serviços cresceram 0,29%, sinalizando perda de fôlego, mas ainda com contribuição positiva, e os impostos avançaram 0,75%, mantendo impacto favorável no resultado agregado.

Na comparação interanual, o IBC-Br total recuou 0,27% em fevereiro, abaixo do esperado pelo mercado, reforçando o enfraquecimento da atividade na base anual. O indicador ex-agropecuária ficou estável, enquanto a agropecuária recuou 1,31%, revertendo o desempenho positivo de janeiro. Em conjunto, os resultados apontam desaceleração mais disseminada da economia no início de 2026.

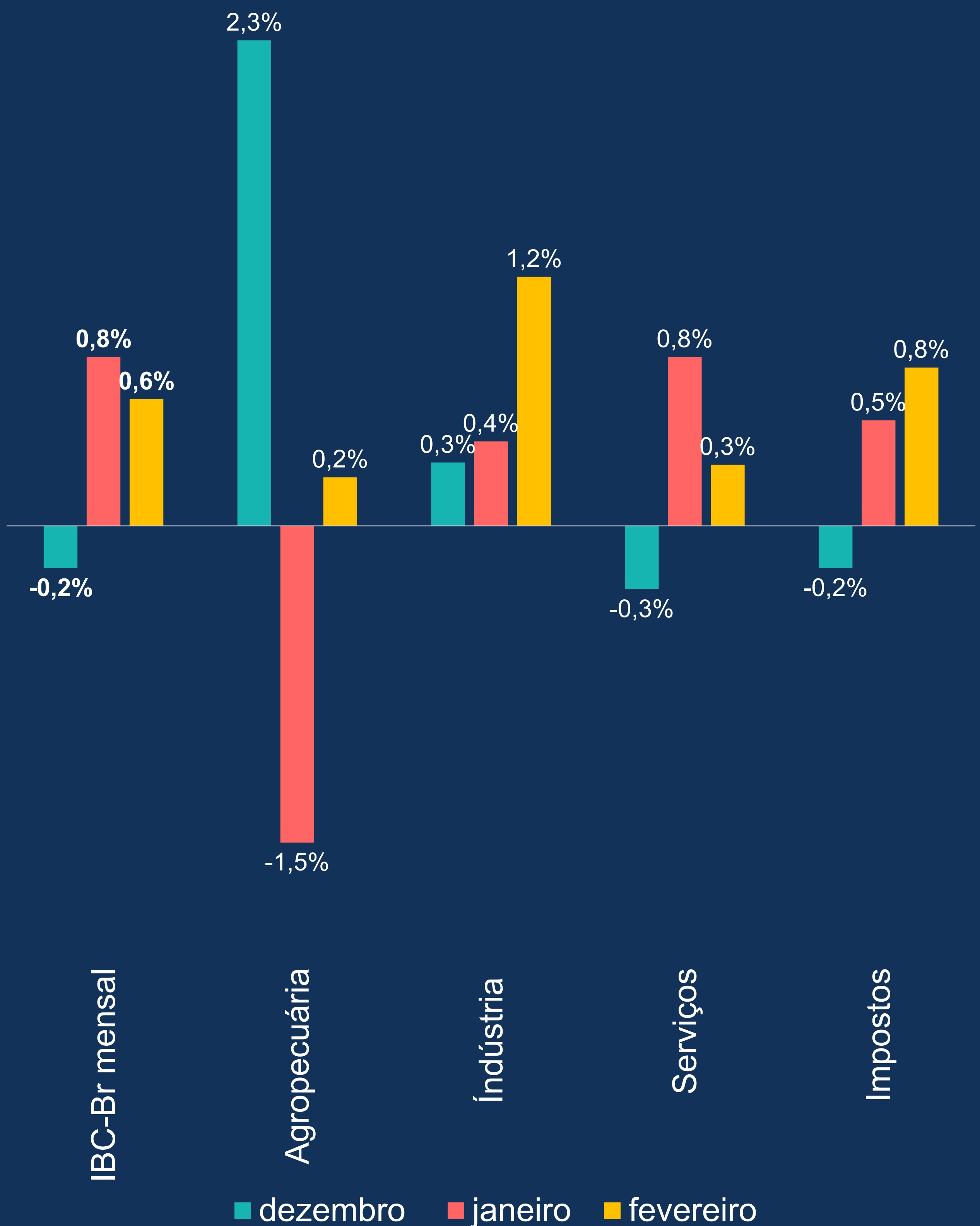
Na comparação interanual por setores, os serviços ainda mostraram crescimento (0,99%), embora em ritmo menor do que nos meses anteriores, enquanto a indústria recuou 1,30%, aprofundando o quadro de fraqueza do setor. Já o índice de impostos caiu 2,63%, refletindo menor dinamismo da atividade. Em conjunto, os dados indicam avanço pontual na margem, o que reforça a postura cautelosa do Banco Central em relação ao início de eventuais cortes na taxa básica de juros.



Cenário Interno

Brasil – Atividade Econômica

Evolução do IBC-Br
(variação mensal com ajuste sazonal)



Cenário Interno

Brasil – Política Monetária

A decisão do Copom de reduzir a Selic em 0,25 p.p., para 14,50% a.a., veio em linha com o esperado e mantém o tom *hawkish*, sem *forward guidance* explícito, ancorado na dependência de dados e na elevada incerteza externa, especialmente associada aos conflitos no Oriente Médio. O pano de fundo permanece inalterado: apesar de sinais de moderação na atividade, a inflação corrente e, sobretudo, as expectativas seguem acima da meta, o que limita o espaço para cortes mais agressivos e sustenta a condução gradual da política monetária.

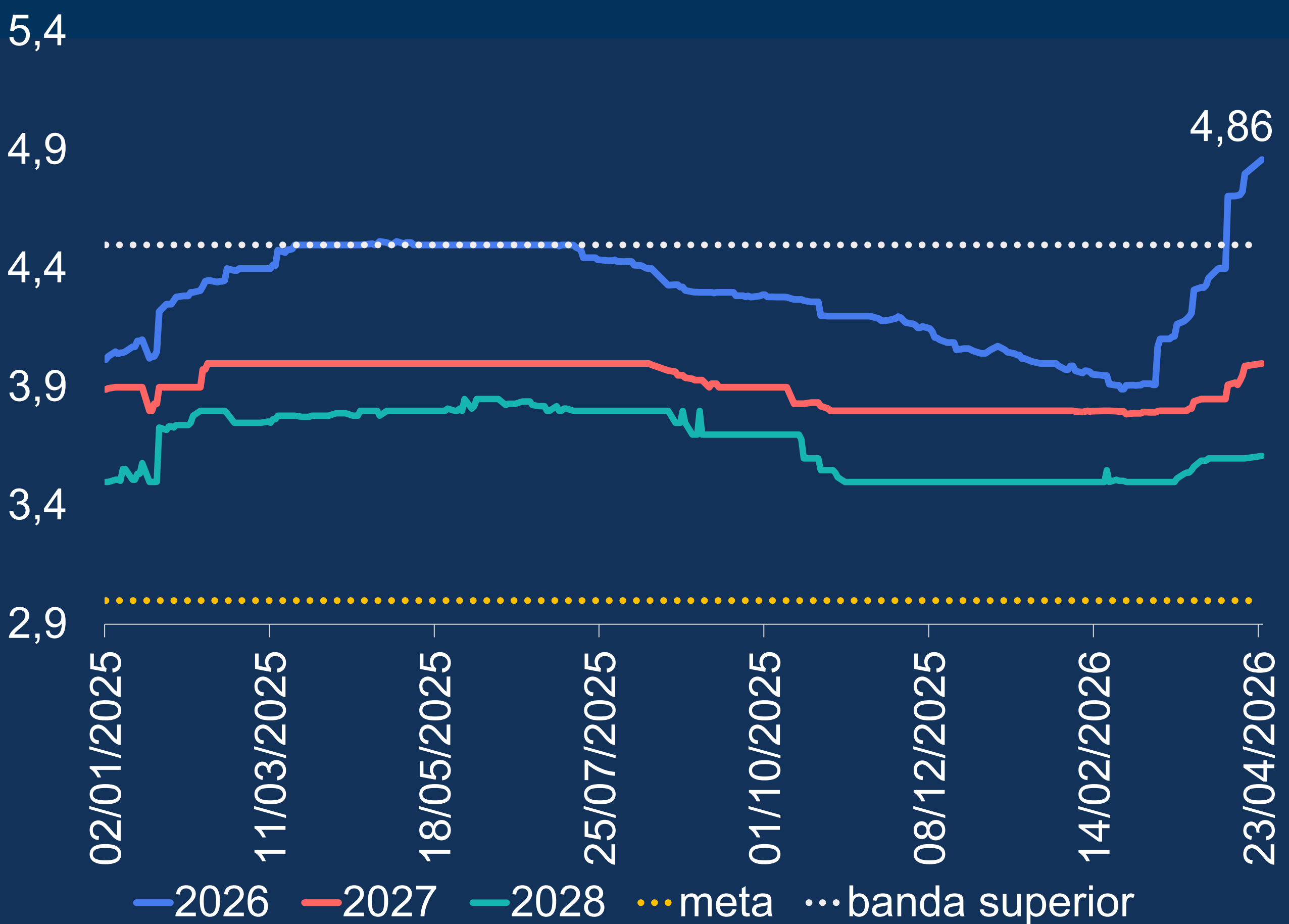
No cenário externo, o diagnóstico oficial pouco se altera, e é justamente aí que emerge a principal tensão da leitura. A manutenção de um balanço de riscos simétrico contrasta com a materialização de um choque de *commodities* em curso (via petróleo), cujo impacto tende a se difundir ao longo das cadeias produtivas, pressionando custos de energia, transporte e insumos agrícolas. Ainda que o Comitê trate esses vetores como fontes de incerteza, e não como um desvio claro no balanço de riscos, a assimetria potencial parece crescente, sobretudo quando combinada com um ambiente doméstico ainda resiliente, com mercado de trabalho firme e estímulos fiscais que sustentam a demanda.

A dinâmica das expectativas de inflação permanece como um importante vetor de restrição à política monetária. Observa-se uma desancoragem adicional, reforçada tanto pelo ambiente externo quanto por fatores internos, o que tende a prolongar o horizonte de convergência. Embora o cenário-base ainda contemple uma Selic próxima de 13% em 2026, a sinalização implícita é de um ciclo menos intenso do que o antecipado anteriormente. O câmbio mais apreciado oferece algum alívio marginal, mas insuficiente para compensar integralmente as pressões inflacionárias, reforçando a leitura de que, apesar do corte, a função de reação segue conservadora e altamente sensível à evolução das expectativas.

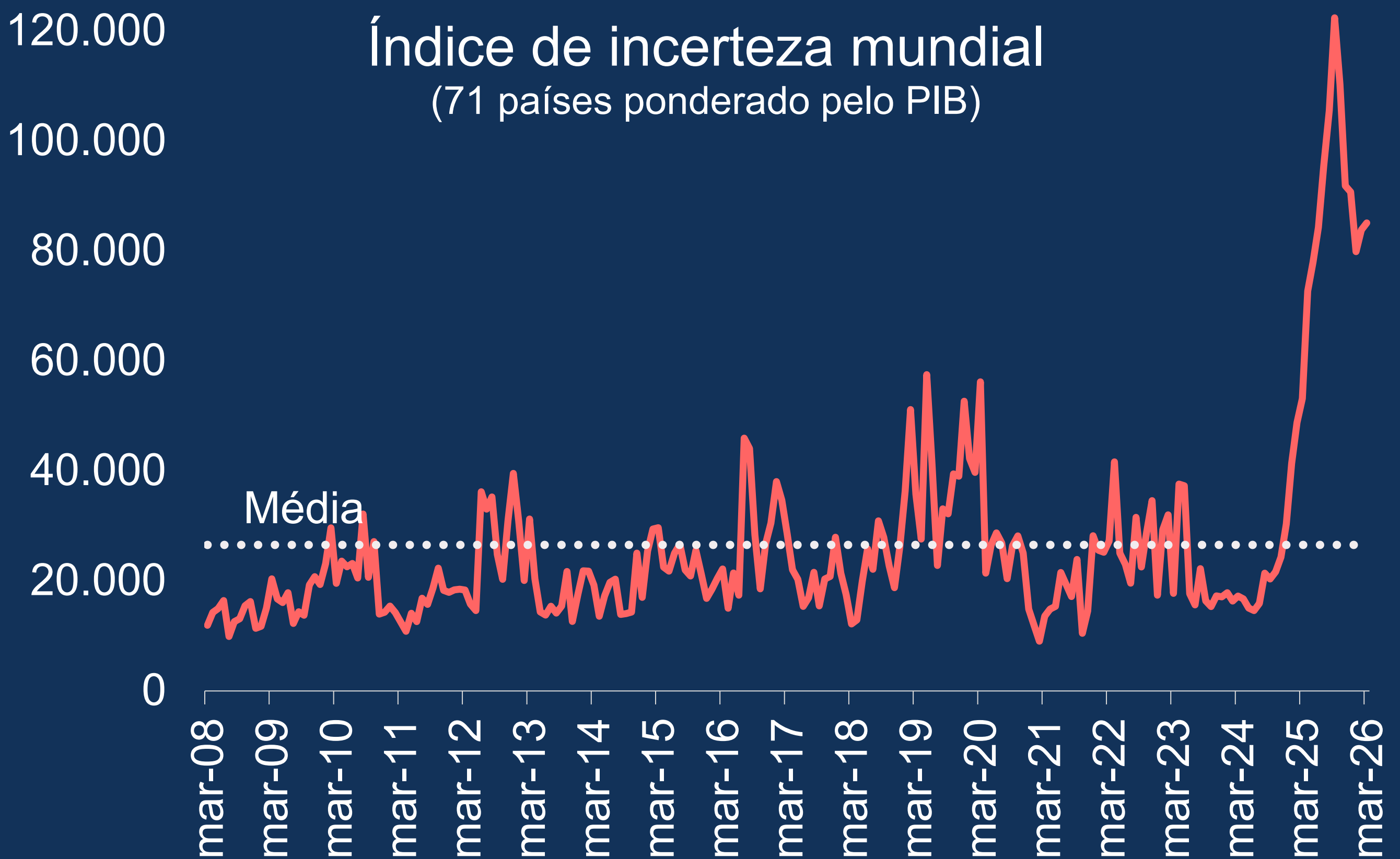
Cenário Interno

Brasil – Política Monetária

Expectativas do IPCA Focus - mediana (%)



Índice de incerteza mundial
(71 países ponderado pelo PIB)



Cenário Externo

EUA – Política Monetária

O FOMC manteve a taxa de juros pela terceira reunião seguida, entre 3,50% e 3,75%, decisão já esperada pelo mercado. No comunicado, o comitê reconheceu que a inflação segue elevada, em parte devido ao aumento recente dos preços globais de energia, o que mantém elevado o grau de incerteza no cenário econômico.

O principal destaque da reunião foi a divisão interna do comitê. A decisão teve quatro votos dissidentes, resultando em um placar de 8 a 4. Apenas um membro defendeu um corte de 0,25 ponto percentual. Os outros três concordaram com a manutenção dos juros, mas discordaram da redação do comunicado, por entenderem que a menção a “ajustes adicionais” embutia um viés de afrouxamento considerado prematuro diante da inflação ainda alta.

Esta foi a última reunião presidida por Jerome Powell, cujo mandato como *chair* termina em 15 de maio. Paralelamente, a Comissão Bancária do Senado aprovou a indicação de Kevin Warsh para a presidência do Fed, abrindo caminho para a votação em plenário. Warsh, de 55 anos, já foi membro do Conselho de Governadores entre 2006 e 2011, tem histórico de pensamento mais duro em relação à inflação, mas também defende que avanços tecnológicos podem elevar a produtividade e reduzir pressões inflacionárias no longo prazo.

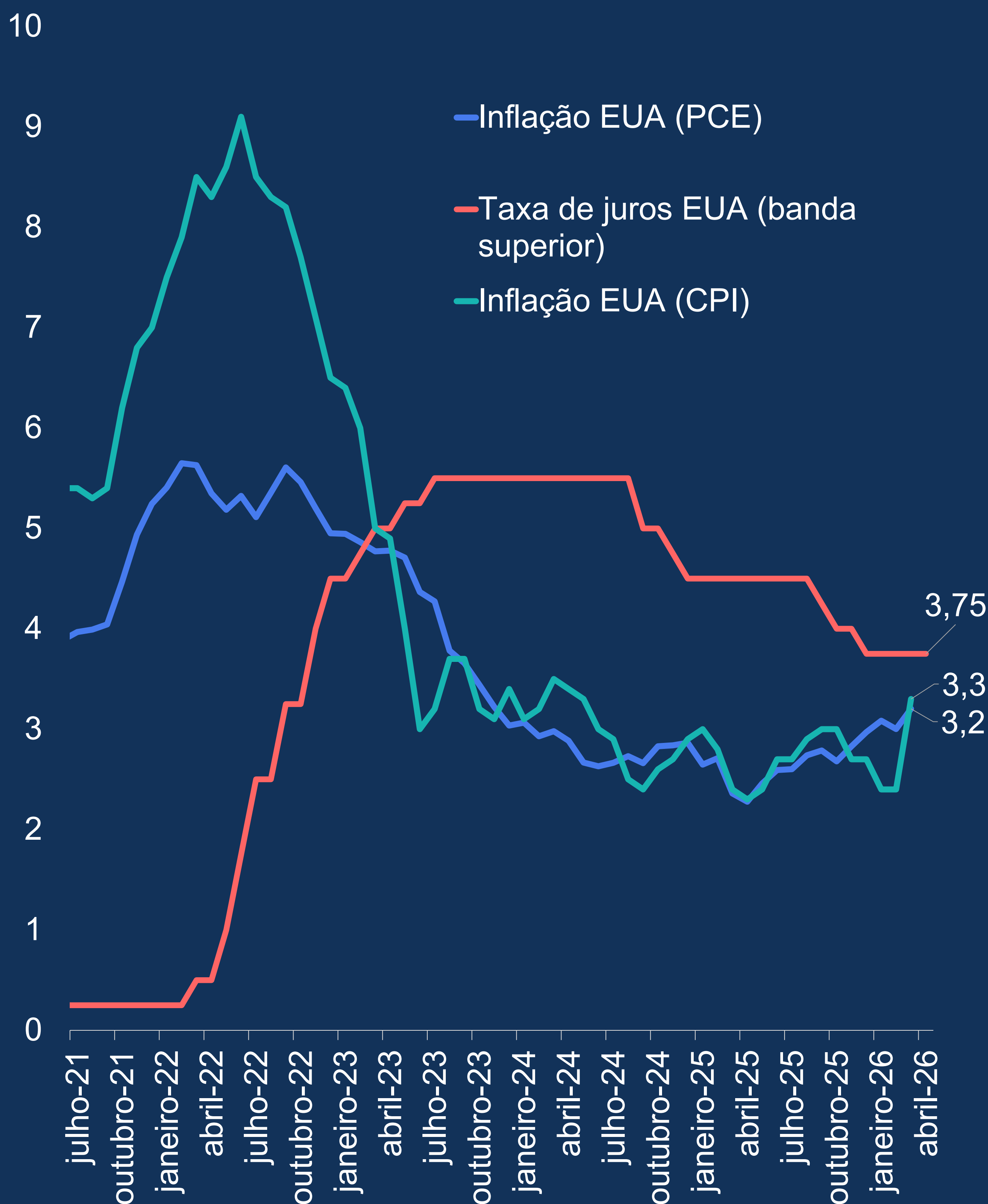
As discussões sobre possíveis influências políticas permanecem presentes no debate, embora o desenho institucional do Federal Reserve, baseado em decisões colegiadas, contribua para mitigar esse fator. Nesse contexto, marcado por divergências internas no Comitê, Kevin Warsh assume a presidência do Fed, tendo a reunião de junho como a primeira sob sua condução, em um ambiente caracterizado por inflação acima de 3% e por riscos geopolíticos relevantes.



Cenário Externo

EUA – Política Monetária

Trajetória de juros e inflação nos EUA (%)



Cenário Externo

Zona do Euro – Política Monetária

O conflito no Oriente Médio continua sem solução, elevando a incerteza no cenário internacional. A intensificação da guerra aumenta os riscos inflacionários e impõe riscos ao crescimento econômico, sobretudo pela permanência do preço do petróleo em níveis elevados. Esse fator é particularmente sensível para a zona do euro, dada sua elevada dependência de energia fóssil.

Os efeitos já se refletem nos índices de preços. Em março, a inflação anualizada alcançou 2,6%, enquanto a inflação mensal foi de 1,3%, com destaque para a alta de 7% no componente de energia. Esses dados reforçam as preocupações com pressões inflacionárias no curto prazo, principalmente se o choque energético persistir.

Apesar disso, alguns fundamentos permanecem favoráveis para atividade. O mercado de trabalho segue aquecido, os resultados das empresas mostram resiliência e os gastos públicos em defesa e infraestrutura devem apoiar a atividade. Por outro lado, as expectativas de inflação dos consumidores para os próximos 12 meses deterioraram-se, passando de 2,5% para 4,0% no mês de março.

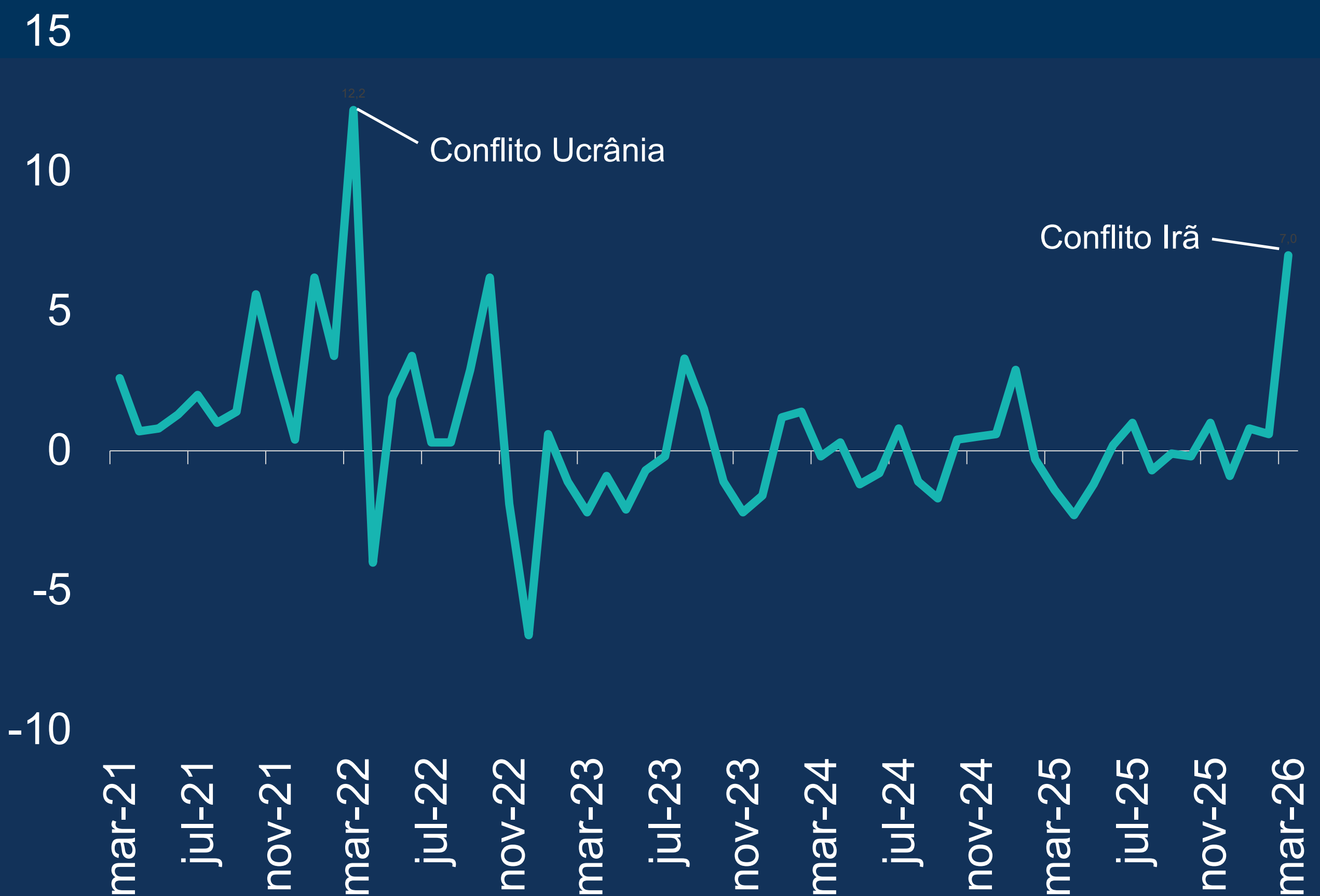
Nesse contexto, o Conselho do Banco Central Europeu decidiu, na reunião de abril, manter inalteradas as três taxas de juro, avaliando que o cenário permanece, em linhas gerais, consistente com a avaliação da reunião anterior. Embora tenha reconhecido o aumento dos riscos ascendentes para inflação e descendentes para o crescimento, o BCE destacou que as expectativas de médio e longo prazos seguem bem ancoradas e que a economia demonstra resiliência, reiterando uma atuação prudente, dependente dos dados e definida reunião a reunião.



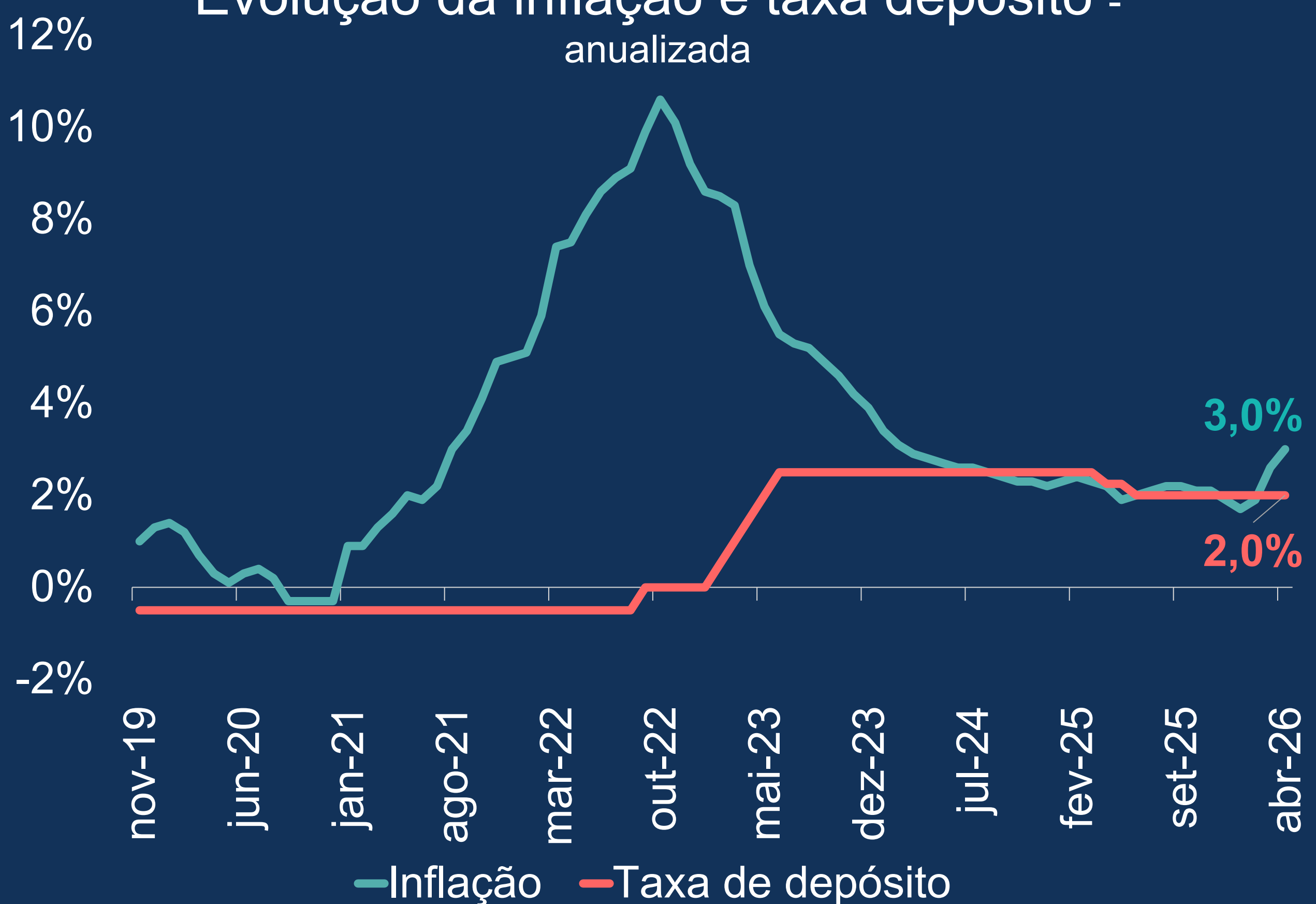
Cenário Externo

Zona do Euro – Política Monetária

Inflação da energia - mensal (%)



Evolução da inflação e taxa depósito - anualizada



Premiações



Prisma Fiscal

O Prisma Fiscal é um sistema de coleta de expectativas de mercado, criado e gerido pela Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda, com o objetivo de acompanhar a evolução das principais variáveis fiscais brasileiras. A partir dessas projeções, a SPE elabora mensalmente um documento que consolida as estimativas e apresenta um ranking das instituições com melhor desempenho na previsão das variáveis fiscais de curto prazo, contribuindo para o aprimoramento do debate fiscal no país.

Nesse contexto, a Previ figura pelo segundo mês consecutivo no pódio mensal de curto prazo da variável Despesa Total, referente ao período entre setembro de 2025 e fevereiro de 2026. O resultado reflete o menor erro de previsão observado no período, evidenciando a robustez técnica, a qualidade dos modelos utilizados e a elevada capacidade analítica das equipes da Entidade, mesmo em um ambiente macroeconômico marcado por elevada incerteza.

No Relatório do Tesouro Nacional, a Despesa Total corresponde ao conjunto dos gastos primários do governo federal, incluindo despesas obrigatórias e discricionárias. A evolução dessas despesas influencia diretamente o resultado fiscal e a curva de juros da economia, tornando a acurácia das projeções um insumo relevante para decisões de alocação de investimentos, ao contribuir para maior rentabilidade, solidez e sustentabilidade dos planos administrados pela Previ.



Indicadores



	Março	2026**	12 meses	24 meses	36 Meses
CDI*	1,21%	4,37%	14,79%	27,73%	43,51%
IMA-G*	0,55%	4,36%	14,36%	22,39%	37,80%
IFIX*	-1,06%	3,96%	16,83%	13,57%	40,19%
MSCI World Index + Ptax*	-6,83%	-5,22%	6,67%	29,44%	56,72%
IBOVESPA*	-0,70%	17,66%	43,91%	46,33%	84,00%
IHFA*	-3,42%	2,13%	14,34%	21,22%	32,33%

* Acesse as definições dos indicadores no glossário

** Atualizado até 27.04.2026

Análise Segmentos

Renda fixa e Renda Variável

Renda Fixa: Os principais índices de renda fixa apresentam desempenho positivo em abril. Até o dia 27, o IMA-B5, que acompanha títulos públicos indexados ao IPCA com vencimentos de até cinco anos, acumula alta de 1,17% no mês e de 12,05% nos últimos 12 meses. O IMA-B5+, que reflete os títulos atrelados à inflação com prazos superiores a cinco anos, registra avanço de 2,42% no período e mantém valorização de 13,64% em 12 meses. Já o IRF-M, índice representativo dos títulos prefixados, apresenta alta de 1,24% no mês e acumula ganho de 14,11% em 12 meses. Por fim, o IMA-S, composto por papéis pós-fixados atrelados à taxa Selic e que reflete a dinâmica da política monetária, sobe 0,93% no mês e alcança retorno de 15,03% em 12 meses.

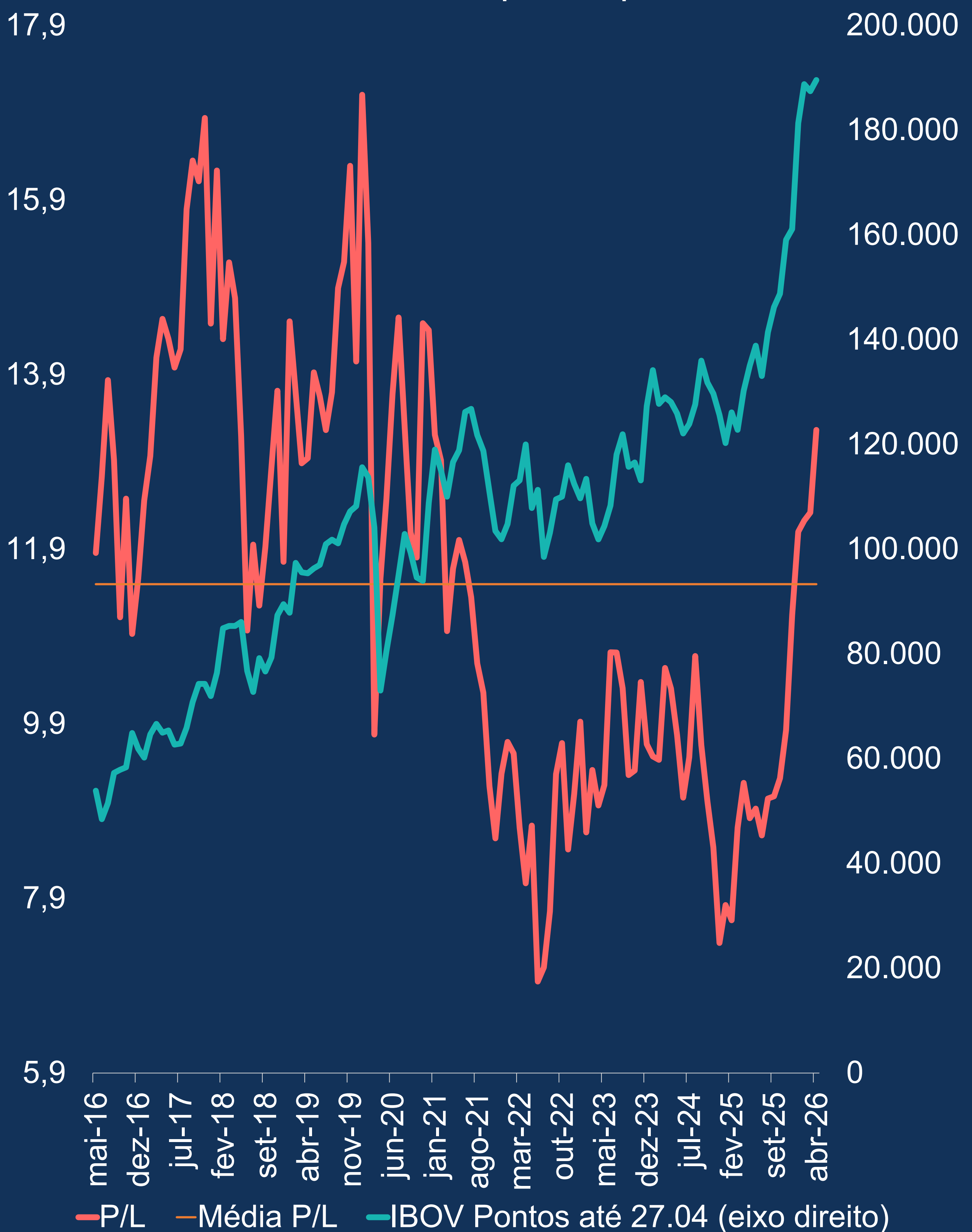
Renda Variável: Em abril de 2026, até o dia 27, o Ibovespa apresentou desempenho positivo, acumulando alta de aproximadamente 1,13%, ao atingir 189.578 pontos. Durante o mês flertou com os inéditos 200 mil pontos e registrou o primeiro fechamento negativo somente no dia 15, após uma sequência de 11 pregões consecutivos de alta. A valorização do índice foi sustentada pelo fluxo de capital estrangeiro, cerca de R\$ 10 bilhões até 23 de abril e R\$ 63 bilhões em 2026. O movimento também refletiu a expectativa de continuidade do ciclo de queda da taxa de juros no Brasil, ainda que o diferencial de juros frente às principais economias permaneça elevado. Destaque para a valorização dos setores ligados ao consumo doméstico e ao sistema financeiro, enquanto o avanço foi parcialmente limitado em alguns pregões pela volatilidade das *commodities*, especialmente do petróleo.

[Clique](#) e saiba mais do resultado na Carta do Gestor

Análise Segmentos

Ibovespa

Ibovespa - Relação preço/lucro em 12 meses e Ibovespa em pontos



Cenário Interno

Boletim Focus

O Relatório de Expectativas Focus de 24/04 indicou a continuidade de uma dinâmica mais negativa para inflação e juros em 2026 e 2027, enquanto as projeções de câmbio apresentaram movimento mais favorável. Em relação a atividade, as estimativas para o PIB em 2026 e 2027 permaneceram estáveis, em 1,85% e 1,80% respectivamente, sugerindo manutenção de um nível de atividade ainda resiliente.

As projeções para o IPCA seguem desancoradas em relação à meta de inflação e voltaram a registrar alta, refletindo principalmente os impactos do conflito no Oriente Médio e a expectativa da ocorrência do fenômeno *El Niño* para parte final do ano. Para 2026, a estimativa subiu para 4,86%, após ter alcançado 4,31% quatro semanas atrás, ultrapassando o limite superior da banda da meta de 4,5%. Em 2027, a alta foi mais moderada, com a projeção passando de 3,84% para 4,00%.

No âmbito da política monetária, a mediana das expectativas para a taxa Selic ao final de 2026 subiu de 12,50% para 13,00% enquanto para 2027 de 10,50% para 11,00%. A combinação da elevação das projeções da inflação, instabilidade no cenário global e incertezas fiscais limita o espaço para um afrouxamento monetário mais acelerado, exigindo maior cautela no processo de calibração da taxa básica de juros.

No câmbio, observou-se valorização do real, refletindo a resiliência da moeda diante das incertezas da economia mundial. A mediana para 2026 divulgada no último relatório Focus recuou para R\$ 5,25 ante R\$ 5,40 de quatro semanas atrás. Para 2027, também houve desvalorização do dólar, passando de R\$ 5,45 para R\$ 5,35.



Previsões Mercado



PIB

Há 4 semanas
impacto

24/O4/2026

variação

2026	(% a.a.)	1,85	1,85	=	=
------	----------	------	------	---	---

2027	(% a.a.)	1,80	1,80	=	=
------	----------	------	------	---	---

CÂMBIO

Há 4 semanas
impacto

24/O4/2026

variação

2026	(R\$/US\$.)	5,40	5,25	↓	👍
------	-------------	------	------	---	---

2027	(R\$/US\$.)	5,45	5,35	↓	👍
------	-------------	------	------	---	---

IPCA

Há 4 semanas
impacto

24/O4/2026

variação

2026	(% a.a.)	4,31	4,86	↑	👎
------	----------	------	------	---	---

2027	(% a.a.)	3,84	4,00	↑	👎
------	----------	------	------	---	---

SELIC

Há 4 semanas

24/O4/2026

variação

impacto

2026	(% a.a.)	12,50	13,00	↑	👎
------	----------	-------	-------	---	---

2027	(% a.a.)	10,50	11,00	↑	👎
------	----------	-------	-------	---	---

Glossário

Balanço de pagamentos: É o registro contábil sistemático de todas as transações econômicas realizadas entre um país e o resto do mundo em determinado período. Ele inclui as transações correntes (como comércio de bens e serviços, rendas e transferências), a conta de capitais, a conta financeira e a variação das reservas internacionais, permitindo avaliar como o país financia seus gastos externos e como se dá sua inserção econômica internacional.

BCE: sigla para Banco Central Europeu, responsável por definir e executar a política monetária para manter a estabilidade de preços

Benchmark: índice ou taxa utilizados como parâmetro na medida da performance de um ativo ou carteira mobiliária e imobiliária.

CDI: sigla para certificado de depósito interbancário. É um título de curto prazo emitido pelos bancos para regularizar o fluxo de caixa entre eles. Tem vinculação direta com a taxa Selic.

Fed: sigla para Federal Reserve é o banco central dos Estados Unidos, responsável por conduzir a política monetária, regular o sistema financeiro e promover estabilidade econômica.

Ibovespa: é o principal índice referente a bolsa de valores brasileira. O índice é calculado com base no desempenho das ações das empresas com os maiores volumes financeiros negociados.

IFIX: representa uma carteira teórica com os principais fundos imobiliários negociados no mercado.

IHFA: é uma referência para a indústria de hedge funds. No Brasil, esses produtos se assemelham aos fundos multimercado de gestão ativa, com aplicações em diversos segmentos do mercado e várias estratégias de investimento.

IMA-G: formado por todos os títulos que compõem a dívida pública.

Glossário

IMA-B 5: formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional– Série B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais) com vencimento de até cinco anos.

IMA-B 5+: formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional– Série B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais) com vencimento igual ou acima de cinco anos.

IMA-S: formado por títulos pós-fixados atrelados à taxa básica de juros (Selic), que são as LFTs (Letras Financeira do Tesouro ou Tesouro Selic).

MSCI World Index: representa o desempenho das ações de empresas de médio e grande porte em diversos países.

OCDE: sigla para Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, uma entidade internacional que reúne países comprometidos com democracia e economia de mercado para promover desenvolvimento econômico e social.

PTAX: é a taxa média do dólar norte-americano, calculada com base nas operações realizadas pelos bancos no mercado de câmbio e divulgada diariamente pelo Banco Central.

RBA: sigla para Reserve Bank of Australia. banco central da Austrália, responsável por conduzir a política monetária, manter a estabilidade financeira e emitir o dólar australiano. Seu mandato inclui estabilidade de preços, pleno emprego e prosperidade econômica.

Fonte: Anbima (IHFA, IMA-G, IMA-B 5, IMA-B 5+, IMA-S)



Nos ajude a melhorar,
escaneie o qr code abaixo
e avalie o Boletim Cenários
Econômicos.



Disclaimer

O presente boletim, de caráter informativo, foi produzido com base em dados publicamente divulgados. A Previ não declara, tampouco garante, de forma expressa ou tácita, que tais dados sejam imparciais, precisos, completos ou corretos. Cenários, análises, projeções, prognósticos e estimativas com base em tais dados estão sujeitos a riscos e incertezas e podem ser, ainda, e a qualquer momento, prejudicados, desconsiderados e descartados, até mesmo como decorrência, por exemplo, de mudanças na conjuntura nacional e/ou internacional, divergências nos critérios e métodos interpretativos e/ou nos fatores de riscos sistêmicos e/ou associados a alterações geopolíticas, políticas, econômicas, sociais, legislativas ou regulatórias.

Este boletim não deve, em nenhuma circunstância, ser considerado como indicação, orientação, recomendação ou fonte para tomada de decisões. Compete a cada leitor realizar pesquisas, estudos e análises devidas. Qualquer eventual decisão ou ação é de sua exclusiva responsabilidade, não podendo a Previ, em nenhuma hipótese, ser de qualquer forma responsabilizada, inclusive, por qualquer perda ou dano, direto ou indireto. A Previ não assume qualquer compromisso ou obrigação, inclusive de revisar, atualizar ou complementar este boletim. A reprodução, divulgação, distribuição ou compartilhamento não expressamente autorizado deste boletim, ou de qualquer parte dele, sujeitará o infrator às penalidades.

